



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Festa de São Sabazinho do Terreiro: a Folkcomunicação na festa umbandista de um terreiro em Parintins (AM).<sup>1</sup>**

Carly Anny Barros FIGUEIREDO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

**Resumo**

O artigo analisa os processos comunicacionais da Festa de São Sebastião umbandista, em Parintins (AM). A metodologia utilizada foi observação participante. A análise se baseou em estudos das festas de santo na Amazônia e construção de processos comunicacionais, das interações sociocultural. Identificou-se os elementos folkcomunicaçãois na Festa: memórias coletivas, sincretismo, gênero cinético e fluxos comunicacionais convergentes construtores de redes de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Festa de São Sebastião; umbanda, folkcomunicação; Amazônia.

**Introdução**

O presente trabalho desenvolveu-se a partir de indagações sobre comunicação e festas de santos na Amazônia, principalmente, a festa de São Sebastião realizada de em um Terreiro Umbandista de Parintins (AM). Essa comunidade possui como base de sua estrutura sociocultural e religiosa, a família-de-santo e se fixou no bairro do Jacaréacanga, localizado na periferia da cidade. O espaço territorial onde o bairro surgiu foi constituído por meio de um movimento de ocupação, denominado Invasão do Itaúna, na década de 2000. O bairro e seus moradores viveram várias situações de marginalização e de preconceito, e, passaram a depositar em São Sebastião, o padroeiro do lugar, a esperança de conquistar a casa própria e obter outras dádivas.

**1. As Festas dos Santos na Amazônia e as Memórias Coletivas**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Folkcomunicação da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- PPGAS- Universidade Federal do Amazonas-UFAM, email: [carlybarros@yahoo.com.br](mailto:carlybarros@yahoo.com.br).



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

As festas religiosas em homenagem aos santos são formas de celebrar os eventos da memória coletiva de determinados grupos. De acordo com Del Priore (2000), a festa “se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõe uma sociedade”, (DEL PRIORE, 2000, p. 9). Com sua carga política, religiosa e simbólica, as festas têm a função de introjetar valores, as normas da vida coletiva e partilhar sentimentos coletivos com as crianças, jovens e espectadores.

Na época da colonização do Brasil, por exemplo, os grupos sociais se reuniam para a comemoração anual dos ciclos agrários e isso deu a festa uma função comemorativa. Assim, as festas nasceram das formas de culto externo. Nelas festejavam a divindade protetora das plantações e eram realizadas em determinados tempos e locais. Mas, segundo Del Priore (2000, p. 13), com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem e a Igreja Católica determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festas, os quais formavam o ciclo eclesiástico. Essas festas eram distribuídas em honra a Jesus Cristo e os dias comemorativos dos santos.

As práticas religiosas mencionadas são formas de aproximação com o sagrado, utilizadas, na maioria das vezes, ao mesmo tempo, com características de vertentes religiosas diversas, baseadas no costume repassado entre gerações. O sincretismo religioso na Umbanda representa a fonte na qual o homem amazônico sustenta o modo de explicar a realidade e resolver os problemas cotidianos urgentes.

Maués (1995), afirma que crenças do catolicismo de fontes ibéricas se mesclaram com crenças indígenas e africanas, contribuindo para o desenvolvimento das festas populares de santos com aspectos profanos que nem sempre eram do agrado das autoridades laicas e religiosas. Nas crenças, haviam as práticas de feitiçaria, dos aspectos demoníacos, das orações fortes, das pajelanças e dos calundus (MAUÉS, 1995, p. 72).

Um exemplo desse sincretismo são as festas religiosas praticadas na Amazônia, entre elas, as festas de santo cujo objetivo é estabelecer um vínculo direto entre as divindades e os fiéis. Os eventos fazem parte das festividades que ocorrem no decorrer do ano nas cidades e áreas rurais da Amazônia, são ocasiões de aglomerações de pessoas



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

e de demonstração da fé. Assim, as festas religiosas na Amazônia estão ligadas, na maioria das vezes, ao calendário da Igreja Católica e fazem homenagens aos santos.

O caboclo amazônico vive o catolicismo popular no cotidiano, sua fé sustenta a vida nos rios e matas ou comunidades. Há uma relação próxima com o santo padroeiro de sua devoção ou de devoção da comunidade onde reside. Maués (2005) enfatiza:

As populações caboclas da Amazônia distinguem, por outro lado, entre o “santo do céu” e suas “semelhanças” ou imagens. O verdadeiro santo é aquele que está no céu, isto é, alguém que já morreu e, por ter alcançado a salvação, encontra-se vivendo nesse lugar, em companhia de Deus, dos anjos e dos “espíritos de luz”. Suas imagens ou semelhanças foram, na crença popular, “deixadas por Deus na terra”. Não obstante, essas imagens, por um processo que é, ao mesmo tempo, metafórico e metonímico, também participam do poder do santo do céu. Além disso, algumas delas, de um mesmo santo, são mais “poderosas” ou “milagrosas” do que outras, (MAUÉS, 2005, p. 261).

Galvão (1975, p. 40), esclarece que o culto aos santos padroeiros de ocupações ou espacialidades, depende da iniciativa do devoto. Mas, o culto aos santos padroeiros de freguesias e sítios é função da coletividade, que faz representar pela irmandade religiosa, a qual anualmente faz um festival em honra ao patrono. O autor ainda lembra da ligação íntima do caboclo com outros “santos de devoção”, de importância menor que os padroeiros, ainda assim recebem cultos e cujas irmandades também realizam festas anuais. Nas duas situações, a imagem do santo, em geral antiga e que constitui uma herança tradicional da localidade, é essencial ao culto.

Outra reflexão que aponta para essas discussões é a construção teórica de Cavalcanti (2013), para quem o cristianismo católico dos ibéricos, diante dos outros povos, enfatizou a condição sociologicamente cristã. Dessa maneira, teria aproximado os povos colonizados dos povos não-europeus, por meio de um tempo que não era simples adequação ao trabalho contínuo. Passou a ter caráter de um tempo em que muita alternância entre trabalho e lazer, dança e labor, era propiciado pela própria igreja. Produziu-se assim, uma temporalidade que remeteria a uma série de ritos relacionados à renovação da vida, uma vida qualitativa, concebida de modo diverso de uma série de atividades, lógica e quantitativamente, valoráveis.

Ao aspecto católico europeu apreendido juntou-se os indígenas presentes na cultura da região, e os elementos das religiões africanas advindas. A mistura gerou uma



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

identidade religiosa com aparências comuns entre todas essas matrizes étnicas. Observa-se presentes nos ritos, segundo Durkheim (1996, p. 414-415), o estado de efervescência entre os fiéis reunidos, que se exterioriza necessariamente na forma de movimentos exuberantes que não se deixam submeter facilmente a fins muito estritamente definidos. Porém, é claro o objetivo: festejar o padroeiro, o patrono, o seu protetor. O autor adverte que a “religião não seria o que é se não concedesse um lugar às livres combinações do pensamento e da atividade”, na busca de divertir o espírito fatigado com a sujeição excessiva no trabalho cotidiano.

O ciclo festivo em todas as religiões se diferencia dos dias comuns e assume, de fato, o caráter mais sagrado. Pode-se dizer ainda quão difícil é distinguir com precisão as fronteiras entre rito religioso e o divertimento público, consoante afirma-se “a ideia mesma de uma cerimônia religiosa, de certa importância, desperta naturalmente a ideia de festa” (DURKHEIM, 1996).

Amaral (2010) lembra as festas religiosas como importante papel na construção da sociedade brasileira, devido às trocas culturais ocorridas. Ocorre, aí, uma espécie de ecumenismo cultural estabelecido pela junção e/ou agregação de aspectos culturais como arte, costumes, comidas, musicalidade e simbologia da crença dos grupos participantes.

As festas religiosas de São Sebastião são exemplos de festas populares. O santo católico foi um soldado romano que lutava pelos cristãos e por justiça para os oprimidos. “Padroeiro contra a peste, a fome e a guerra” (DEL PRIORE, 2000), que também é festejado na Umbanda e Candomblé com o nome de Oxóssi. O santo é reverenciado por católicos, candomblecistas e umbandistas no mesmo período de janeiro com ritos diferenciados, próprios a cada crença, em várias cidades brasileiras. Por isso, despertou pesquisas científicas em algumas regiões do Brasil.

Associando-se a esses interesses, realizei uma pesquisa etnográfica, em Parintins (AM), no período do mestrado em Antropologia Social, para compreender as territorialidades identitárias das festas de São Sebastião, na Paróquia e no Terreiro umbandista, ambos identificados como “De São Sebastião”. O trabalho ancorou-se nas orientações de Haesbaert (2004), que pensa, descreve e analisa o território como um processo cultural-simbólico, carregado das marcas dos conflitos vividos para adquirir



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

valor subjetivo de uso. Contudo, pode-se observar ainda que a festa umbandista possui diversos aspectos comunicacionais que merecem um destaque especial, e foi com o fito de explorar essa perspectiva que produzi este trabalho.

As festas de São Sebastião, realizadas em Parintins (AM), se constroem com o objetivo de rememorar, dentro das sociabilidades, a conquista da casa própria e as benesses concedidas pelo santo católico. Desse modo, as festas se tornaram lugar de memória, de construção coletiva e atualização de um passado que pertence à cidade, pois a “Invasão do Itaúna” fez desenvolver a região sudoeste da cidade de Parintins, mobilizada pelo Movimento Sem-Teto de Parintins (MST), do qual participaram centenas de famílias, que escolheram São Sebastião como o padroeiro da causa dos Sem-Teto, incluindo a Mãe-de-Santo, que recebeu como missão umbandista festejar São Sebastião até sua morte.

Ora, a memória (coletiva) carece de referência territorial que permanece relevante para a definição ou fortalecimento de identidades. Agrega-se a isso o pensamento de Ortiz (2006), sobre a pluralidade de manifestações heterogêneas, fragmentadas no espaço correspondente à diversidade dos grupos sociais. Posto que é no meio da cultura do povo o lugar de memórias diferenciadas, mantidas à medida que se ritualizam costumes, hábitos, crenças e informações que traduzem e eternizam a identidade do grupo social que as comportam.

Ademais, a memória coletiva relaciona-se à vivência de grupos sociais e pode revelar hábitos, costumes, bem como, sentimentos peculiares aos parintinenses, pertencentes àquele espaço urbano. Logo, as lembranças históricas sobre São Sebastião acessadas pelos umbandistas são, de certo modo, comum aos católicos. A propósito, de acordo com Chester Gabriel (1985), o catolicismo ibérico se fundiu com a religião africana, a indígena e o Kardecismo para o surgimento da Umbanda. Assim, as religiões possuem lembranças que surgem da vivência em grupo e, ao serem reconstruídas ou simuladas, instituem representações passadas.

Para tanto, as memórias coletivas acessadas por um sujeito do grupo, de forma dialógica, se apoiam na percepção de outros integrantes do grupo e constitui seu sentido. De acordo com Halbwachs (2006), há uma imagem engajada em outras imagens, ao



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

imaginar o ato ocorrido ou a internalização das representações de uma memória histórica. Os católicos e os umbandistas dividem o mesmo conhecimento milenar da Igreja Católica sobre o santo guerreiro, porém, acessam-na de acordo com a tradição de seu grupo religioso, por isso rendem-lhe veneração com ritos festivos peculiares.

### **2 A festa de Sabá no Terreiro**

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, não existem adeptos da Umbanda na cidade. O registro do IBGE (2010) conta 54 pessoas seguidoras do Espiritismo, isso corresponde a 11% dos parintinenses, porém não especifica se são umbandistas, candomblecistas, kardecistas ou de outra denominação<sup>3</sup>.

Pode-se deduzir que a Umbanda, em Parintins, é uma religião que tem poucos adeptos “assumidos”. Dois terreiros de Umbanda na cidade possuem placa informativa, ambos ficam em um bairro pouco povoado, o Jacaréacanga. Os outros pais ou mães-de-santo, filhos-de-santo, realizam as práticas em segredo, apenas para clientes, e sempre de modo reservado. Geralmente, o local de atendimento é denominado “banca”, fica nos fundos do terreno da casa do “médium” – alguém que possui dons especiais – porém não diz que é umbandista<sup>4</sup>, algumas vezes se autodenomina de “sacaca<sup>5</sup>”, pois traz o dom desde criança. São vistos pelos clientes como “curador” ou “macumbeiro”.

O motivo para essa prática ser feita em segredo pode ser explicado por meio do preconceito religioso que os vizinhos manifestaram quando perguntado onde moravam as pessoas “que atendiam”, durante a pesquisa. O medo dos umbandistas ou simpatizantes, “sacacas” e “curadores” parintinenses sofrerem discriminações é grande (CORDEIRO, 2017). Mãe Bena de Oxóssi, que realiza uma das mais populares festas de São Sebastião (e que recebe muitos visitantes durante todos os dias de festejos), sofreu várias situações

---

<sup>3</sup> No Mapeamento dos Especialistas em Práticas Populares de Cura da Zona Urbana de Parintins (AM), realizado por Cordeiro (2014), dos 256 agentes em práticas de cura registrados, 10 indicaram a Umbanda como religião e 01 o Candomblé.

<sup>4</sup> Conversei com doze *médiuns* em Parintins, aqueles sobre os quais já ouvira falar, visto que sou da cidade. Apenas dois se se assumiram como umbandistas. Os demais se diziam católicos que receberam de Deus o *dom de cura*, para ajudar os outros. E que, inclusive, frequentam ritos católicos como procissões, missas, entre outros. Também informaram que o “dom” é passado de geração em geração, na família deles.

<sup>5</sup> Sacaca entendido aqui como propõe Cordeiro (2017).



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

de intolerância religiosa nos bairros Centro e Palmares, na década de 90, na cidade de Parintins (FIGUEIREDO, 2017).

Benedita Pinto dos Santos, Mãe Bena, é devota de São Sebastião. A Mãe-de-Santo foi coroada, há mais de 20 anos, como filha de Oxóssi. Na umbanda, o santo católico equivalente ao orixá é São Sebastião, por isso é o nome do terreiro. Ao receber Oxóssi como protetor, Mãe Bena recebeu também a missão de realizar festejos para São Sebastião, em janeiro. A “coroação” dela na Umbanda se deu em 1985, e desde lá a festa em honra a São Sebastião é realizada todos os anos. As primeiras, de 1985 a 2007, foram realizadas no Centro de Parintins, à Rua Senador Álvaro Maia e Beco Raimundo Luiz de Menezes. Os festejos eram pequenos, com algumas pessoas, pois o lugar não permitia som alto para não perturbar os vizinhos, que já se incomodavam com o rufar dos tambores.

Segundo Mãe Bena, a “perseguição” dos vizinhos evangélicos era constante. Sempre arranjavam um meio de implicar. O momento mais tenso desta “intolerância religiosa” ocorreu nos idos 2000 ou 2001, quando os evangélicos tentaram apresentar à Câmara de Vereadores um abaixo assinado a fim de “banir” a Mãe-de-Santo do lugar onde residia. Dois vereadores a defenderam e alertaram sobre preconceitos contra aquela religião afrodescendente.

Receosa e, para tentar escapar da discriminação, mãe Bena mudou-se, em 2008, para uma área pouco povoada, localizada na estrada do Macurany, o bairro Jacaréacanga<sup>6</sup>. Possui várias características de bairro de periferia das cidades, pois é área deixada à margem das políticas públicas governamentais. O acesso ao terreiro é feito por uma travessa sem identificação. A rua não tem asfalto, nem iluminação pública, mas o endereço é conhecido pelos parintinenses. Com um local maior, a festa aumentou. Permanece sem fins lucrativos; é realizada pela mãe-de-Santo, seus filhos-de-santo e simpatizantes, que pagam promessas. O pagamento da promessa é feito por meio de

---

<sup>6</sup> Os donos da terra que estava ociosa lotearam os terrenos para evitar o prejuízo de ter suas terras ocupadas pelo Movimento dos Sem Teto de Parintins, na década de 2000 (FIGUEIREDO, 2017). Mãe Bena adquiriu mais de um lote e obteve com isso mais espaço para fixar o Terreiro de São Sebastião, a casa onde mora e ainda ter um espaço grande onde é levantado mastro, realizado o almoço do santo e outros ritos.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

doações de gado ou valores variados de dinheiro e é motivado por agradecimento a dádiva concedidas pelo Santo Guerreiro, segundo alguns promesseiros (FIGUEIREDO, 2017).

A festa umbandista inicia no dia 05 de janeiro com o “assentamento do santo” em lugar de honra, na frente dos tambores que ocupam a frente do salão, onde ocorre as “giras de caboclo”. Dia 11 de janeiro, é feita a “tirada” do mastro e “obrigação” a Oxóssi na mata; no dia 18 é dia de churrasco de confraternização e montagem do *panaiá*; dia 19 ocorre a ladainha e levantação do mastro do santo. Em 20 de janeiro, é o dia do almoço gratuito para visitantes do Terreiro de São Sebastião, roda de tambor, “Gira” em louvor ao santo, “derrubação” do mastro e festa dançante. Após esses dias, os filhos-de-santo se encontram em 23 de janeiro para o “arranca toco”.

As festas religiosas de São Sebastião são populares. O santo católico foi um soldado romano que lutava pelos cristãos e por justiça para os oprimidos. “Padroeiro contra a peste, a fome e a guerra” (DEL PIORE, 2000). Para os umbandistas, a festa também visa pedir e agradecer dádivas recebidas pelos filhos-de-santo e simpatizantes.

A mãe-de-santo, organiza a festa do patrono de seu terreiro como um grande evento religioso e social. Reconhece que o local aumentou a popularidade da festa, pois Jacaréacanga é bairro novo, pouco povoado. No local, sofre menos represália de outros grupos religiosos do que quando morava nos bairros centrais de Parintins, na década de 90. Porém, afirma que deve realizar a festa até sua morte, pois São Sebastião é o santo que é sincretizado com o orixá Oxóssi e com a *linha de Índio*, alguns de seus *Guias*. A umbandista recebeu a missão ao se consagrar Mãe-de-Santo e ter em sua “coroa” o santo sincretizado com Oxóssi (o guerreiro das matas) (BASTIDE, 2001), adotando-o como protetor.

Para Theije (2006), o foco na religião como estratégia adaptativa para lidar com a pobreza é bastante difundido. A busca pela religião concerne, evidentemente, mais que uma solução funcional para os problemas mundanos. Na religião também encontra-se a presença das memórias coletivas como atualização ou referência de determinada crença. No caso da festa umbandista, a missão de realizar a festa de São Sebastião umbandista surgiu quando o Pai de santo que coroou Mãe Bena. Ele acessou memórias coletivas de seu grupo religioso para dar-lhe como *Guia* maior Oxóssi, e coube-lhe com isso, a missão



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

de realização da festa de seu protetor até sua morte. E Mãe Bena acessou as memórias coletivas para aceitar a missão de festejar o santo, assim como os filho-de-santo do terreiro de São Sebastião.

Pode-se dizer, simbolicamente que, para os umbandistas, o santo também é guerreiro como para os católicos, mas é o santo que escolhe sua protegida e dá-lhe a missão de fazer a festa junto com os demais filhos-de-santo que frequentam o terreiro, diferente do modo como se dá na festa católica.

### **2. Aspectos Folkcomunicacionais na Festa de São Sebastião umbandista de Parintins (AM).**

Luiz Beltrão, na realização da pesquisa de seu doutoramento, defendido em 1967, dedicou-se aos estudos dos fenômenos da cultura popular que se configuram como veículos de informação e difusão de opinião, ligados ao folclore, apresentando o termo Folkcomunicação. Naquele momento, descortinaram-se novos desafios para futuros pesquisadores em Folkcomunicação, levando em consideração as dinâmicas e fluxos constantes entre a comunicação de massa e a comunicação popular.

Segundo Melo (2008), o legado beltraniano deixado às novas gerações em sintonia com as transformações da sociedade, suscita a análise contextual das mudanças ocorridas nos estudos folkcomunicacionais. A intenção é perceber as inovações relevantes considerando a acumulação de conhecimentos indispensável para revisar criticamente as transformações operadas na disciplina. Ao final dessas atividades, deve-se buscar tentar discernir quais os elementos imutáveis mantidos no período, bem como as mutações evidentes e as tendências prenunciadas pelas novas gerações, que deram sequência às ideias originais de Luiz Beltrão.

Seguindo a propositura de Beltrão e observando as indicações de José Marques de Melo (2008, p. 55-57) é possível seguir a metodologia e observar algumas experiências de pesquisa em Folkcomunicação, com a análise capaz de identificar estratégias comunicacionais, os referenciais culturais postos em cena na mídia global e os processos comunicacionais. No caso das festas populares, com destaques para a Festa Umbandista de São Sebastião de Parintins (AM), torna-se possível observar os fluxos de comunicação,



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

assim como a memória, o formato, o conteúdo e as mediações presentes na festa realizada em 2015, onde fiz pesquisa etnográfica para depois construir a dissertação, de onde foi possível destacar alguns aspectos.

A festa umbandista, realizada na periferia parintinense, encerra as expressões culturais de um dos grupos religiosos que sofre a marginalização por praticar a crença afrobrasileira que é invisibilizada, segundo os dados do IBGE (2010). Esse dado indica que a festa, *per si*, é uma prática de resistência e cidadania em meio à sociedade globalizada, ou seja, temos um exemplo consistente de folkcomunicação. Nela há um processo de “intercâmbio de informações, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”, (BELTRÃO, 1980, p.24).

Ademais, Melo (2008, p. 57) observa que as tradições comunicacionais das populações marginalizadas (no caso de Parintins, vítima de intolerância religiosa e escassez de aspectos que lhe garanta a liberdade de crença) fazem as comunidades procurarem formas para sobreviver às inovações tecnológicas e demonstrar capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço. Uma situação capaz de descortinar a confluência importante existente entre a mídia popular e a cultura popular, para levar a compreender os aspectos históricos e as tendências dos estudos folkcomunicacionais presentes na festa do patrono do terreiro.

Ainda com base em Melo (2008), a festa umbandista, de acordo com gênero folkcomunicacional, é cinética, pelo seu aspecto sincrético, presente nas formas de religião amazônicas, uma vez que encerra em si característica central da religiosidade popular, demonstradas nas procissões, nas comemorações dos santos e nas diversas formas de pagamento de promessas e nas festas populares como os folguedos e carnaval.

De acordo com Kawaguchi (2015), as manifestações podem ser consideradas fortes elementos comunicacionais diretamente ligados às interações sociais e ativação das relações humanas. Um jogo onde estão presentes emissores (quem) e receptores (para); aspectos de permanência e continuidade; organização e desenvolvimento das atividades religiosas e profanas e os vínculos originados com os meios de comunicações sejam eles locais ou não.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Kawaguchi (2015, p. 19), ao citar Melo (2008, p. 79), lembra as festividades, do ponto de vista da identidade comunicacional, como processos determinados por fluxos convergentes. Desse modo, podemos seguir os ditames da autora e observar a Festa de São Sebastião como:

- 1) Ativadora das relações humanas, pois produz comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes. Este modo traz à tona o fluxo de comunicação interpessoal, pois há um envolvimento dos organizadores do evento com a preparação e realização da festa, bem como do promesseiro e o santo. A celebração do contrato do devoto com o santo, no ato de dar o gado para o almoço gratuito ou valores em dinheiro para a realização da festa, como forma de agradecimento, demonstra um diálogo íntimo entre o devoto e São Sebastião, que nem sempre é umbandista.
- 2) Mobilizadora das relações entre os grupos primários e a coletividade, através das mediações tecnológicas propiciadas pelas indústrias midiáticas, em espaços geograficamente delimitados, onde o Terreiro constitui esse espaço que se abre para receber os devotos e simpatizantes da festa. Os ritos de Derrubada de Mastro<sup>7</sup>, Reza da Ladainha<sup>8</sup>, Sessão de Tambor<sup>9</sup>, Montagem do Panaiaí<sup>10</sup> e festa dançante<sup>11</sup>, repassam para todos que vem ao Terreiro de São Sebastião participar da festa, as crenças

---

<sup>7</sup> Rito da festa em que é erguido um caule de árvore contendo ofertas dadas pelos devotos como frutas, dinheiro, bebida e bandeira com gravura do santo. No último dia da festa, esse mastro é derrubado a golpe de machado e as oferendas são resgatadas pelos presentes na festa. Segundo costume local, aquele que pegar a bandeira do santo deve financiar a próxima festa.

<sup>8</sup> A ladainha é rezada pelos pais de Bena ou pelos senhores acima de 65 anos. Provavelmente, foi aprendida por meio da oralidade, e é repassada da maneira que se ouviu. A reza é feita no primeiro dia da festa do santo guerreiro, antes da sessão de tambor.

<sup>9</sup> Momento em que se inicia o rito de umbanda onde são entoados os pontos em honra aos guias. Nessas sessões, os filhos de corrente recebem, por meio do transe mediúnico, seus guias e estes cantam e bebem cerveja, vinho, cachaça, café, etc. É nesse momento que se abençoa o terreiro e se realizam vários ritos da festa do patrono.

<sup>10</sup> O “panaiá” é um dos ritos que abrem a festa de São Sebastião do Terreiro de Bena. Depois que o santo é colocado em local de honra (mesa no centro do salão), na frente do prédio onde fica o salão de atendimento é montada uma espécie de casa de palha de “piririma”, onde são colocadas as oferendas dadas pelos devotos como frutas, bebidas e as velas. Tem a função de proteger a festa que se realiza e trazer proteção e prosperidade para os filhos e mãe-de-santo.

<sup>11</sup> A festa dançante é o lado social. Ocorre na última noite festa. Inicia logo depois da distribuição de comida no almoço São Sebastião. O almoço é gratuitamente oferecido a todos os visitantes do Terreiro; começa as 11 da manhã e dura até que não reste mais carne dos gados oferecidos. A festa dançante tem participações de bandas de Manaus que tocam forró. Também é sustentada por uma promessa.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

umbandista celebradas nos ritos que compõem as festividades. Isto é, há um fluxo de comunicação massiva;

- 3) Articuladora de relações institucionais, desencadeando iniciativas de entidades enraizadas comunitariamente e antenadas coletivamente, que decidem o que celebrar, em que circunstâncias, com que parceiros. Nesta dimensão comunicacional, pode-se pensar na maneira como a família-de-santo organiza os festejos, decide o rito que deve ser escolhido naquele ano, como irá superar problemas que podem impedir a realização da festa e, para isso, quem são as entidades que podem auxiliá-los em situações críticas. Nesse contexto, também lembra-se a decisão de continuar a realizar a festa, mesmo que não seja mais no centro da cidade de Parintins, pois o novo bairro sem saneamento básico, não impediu que a festa de São Sebastião crescesse à cada ano. A visibilidade é conquistada graças à comunicação “boca-a-boca” que é feita pelos devotos, simpatizantes, clientes e família-de-santo. Trata-se de um fluxo de intermediação comunicativa, produzindo a interação das comunicações interpessoais e massivas.

### **Conclusão:**

A folkcomunicação tem a definição de ser o uso que o povo faz em seu cotidiano das mensagens que recebe das mídias. É um jeito que o povo (folk) inventa para interpretar as mensagens e informações a que tem acesso, inclusive no cotidiano das culturas populares. A festa de São Sebastião Umbandista encerra em sua religiosidade situações onde memórias coletivas são uma forma de eternizar a cultura religiosa, e o ato de realização da festa demonstra uma maneira de resistência e luta pelo direito de manifestar a crença umbandista.

Constata-se nela processo “folkcomunicacional” na fonte, onde a mensagem mais forte pode estar na saída da mãe-de-santo (líder de opinião) de áreas centrais de Parintins e, morar em um bairro afastado, que permita a realização da festa de seu protetor. Bena repassa a mensagem que, esse caso, é a crença no Santo Guerreiro que socorre a quem precisa, por meio de canais folk, ou seja, populares, clientes, entre outros. A mensagem da festa se realizar anualmente chega a pessoas que, como Bena, são devotos de São Sebastião e sabem que o santo atende pedidos feitos em oração, mediante a uma dádiva



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

de agradecimento. Esses devotos, geralmente, têm problemas sociais que precisam de urgência na resolução, por isso buscam o milagre, pedido ao um poderoso Santo protetor da peste, das doenças e de causas que parecem impossíveis de serem resolvidas por homem comum. Os “necessitados das graças” se unem aos umbandistas e não apenas a crença católica, situação que nos remete a uma prática de contracultura, como é vista (erroneamente) a fé umbandistas dos frequentadores do Terreiro de São Sebastião.

Ainda pode-se observar que a Festa de São Sebastião pertence ao gênero folkcomunicacional cinético, com fluxos comunicacionais interpessoal, massivo e, ao mesmo tempo, interpessoal e massivo, já que se trata de algo onde participam uma comunidade religiosa específica e a população simpatizante, onde tecem relações de historicidade, experiência comunicativas, trocas e diálogos em redes materiais e simbólicas, de fé e de crenças.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R. **Festa à Brasileiras: significados do festejar, no país que “não é sério”**. 2001. E-book disponível em: <https://pt.scribd.com/document/35896659/Rita-Amaral-Festa-a-brasileira-Sentidos-do-festejar-no-pais-que-nao-e-serio>. Acesso Março de 2018.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia (rito nagô)**. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **A festa em perspectiva antropológica : carnaval e os folguedos do boi no Brasil**, 19 de janeiro de 2013. *IN*: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article183> 2013. Acesso maio de 2018.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM). Manaus**. 2017. 282f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, 2018. [Orientadora: profa. Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo].



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

- CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **Mapeamento dos Especialistas em Práticas Populares de Cura da Zona Urbana de Parintins (AM)**, 2014 (no prelo).
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1996.
- FIGUEIREDO, Carl Anny Barros. **São Sebastião do arraial e do terreiro: territorialidades urbanas e as festas de santo em Parintins (AM)**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017).
- GABRIEL, Chester E. **Comunicação dos Espíritos. Umbanda, Cultos Regionais em Manaus e a Dinâmica do Transe Mediúnico**. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens. Um estudo antropológico da vida religiosa de Itá, Amazonas**. São Paulo, Companhia Ed. Nacional: 1975;
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo Centauro, 2006.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. In: [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br). Acesso em maio de 2018.
- KAWAGUCHI, Renata Castro Cardias. **Festas, Folkcomunicação e religiosidade popular nas comunidades caiçaras e quilombolas de cananeia (sp)**. *IN: Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional*, Ano 19 n.19, p. 289-302 jan/dez. 2015 (PDF).
- MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém, Cejup, 1995.
- MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. São Paulo: Ed. Olho d’água, 2006;
- THEIJE, Marjo de. **Religião e transformações urbanas em Recife, Brasil**. In: *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao>. Acesso em março de 2018.